

Lasca


Lasca

Vladimir

Zazúbrin

TRADUÇÃO: IRINEU FRANCO PERPETUO

CARAMBAIA



|

No pátio, batiam os caminhões os pés de aço.
Um tremor por todo o prédio de pedra.

No terceiro andar, na mesa de Srúbov, retiniam as tampas de cobre dos tinteiros. Srúbov empalideceu. Os membros do colégio e o juiz de instrução acenderam os cigarros apressadamente. Cada um atrás de uma cortininha de fumaça. E os olhos no chão.

No porão, padre Vassíli ergueu a cruz do peito acima da cabeça.

– Irmãos e irmãs, oremos na hora derradeira.

Batina verde-escura, barriga caída, crânio calvo, redondo – uma hostiazinha mofada. Ficou no canto. Das tarimbas, murmurando, desceram sombras negras. Estreitaram-se contra o solo, gemendo.

No outro canto, o tenente Snejnítski, azulando, agonizava. Com um nó curto, feito com os suspensórios, o alferes Skatchkov estrangulava-o. O oficial apressava-se – temia que o notassem. Voltou as costas largas para a porta. Apertava a cabeça de Snejnítski entre os joelhos. E puxava. Para si mesmo, preparara um estilhaço afiado de garrafa.

E os veículos ressoavam no pátio. E todos no prédio de pedra de três andares sabiam que eles serviam para a remoção de cadáveres.

Uma serpente gorda e peluda curvava-se na manga larga com a cruz. Rostos pálidos erguiam-se do solo. Olhos mortos, extintos, desprendiam-se das órbitas, lacrimejando. Poucos viam a cruz com clareza. Outros, apenas uma placa estreita e prateada. Algumas pessoas – uma estrela cintilante. Os demais – o vazio negro. A língua do sacerdote colava no palato, nos lábios. Os lábios estavam lilás, frios.

– Em nome do Pai, do Filho...

Nas paredes cinza, suor cinza. Nos cantos, rendilhados de geada.

As palavras da oração farfalhavam pelo chão como folhas caídas. As pessoas desvairavam-se. Suavam frio como as paredes. Mas tremiam. Enquanto as paredes eram imóveis – tinham a firmeza indestrutível da pedra.

O comandante usava boina vermelha, culotes vermelhos, camisa militar azul-escuro, bol-drié inglês castanho no peito, uma máuser de cano curto sem coldre, botas reluzentes. Tinha

a cara barbeada e corada de boneco de vitrine de barbearia. Entrou no gabinete de forma absolutamente silenciosa. À porta, retesou-se, enrijeceu.

Srúbov mal ergueu a cabeça.

– Está pronto?

O comandante respondeu curto e grosso, quase gritando:

– Pronto!

E voltou a ficar petrificado. Apenas os olhos, com os pontinhos pungentes das pupilas, de um brilho agudo e vítreo, estavam irrequietos.

Srúbov e os outros que estavam no gabinete tinham os olhos iguais – vítreos, brilhantes e agudamente ansiosos.

– Retirem os primeiros cinco. Já vou.

Sem se apressar, encheu o cachimbo. Despedindo-se, apertou a mão de todos, olhando de lado.

Morgunov não lhe deu a mão.

– Vou com o senhor, para dar uma olhada.

Era a primeira vez dele na Tcheká¹. Srúbov calou-se, fez uma careta. Vestiu a peliça curta preta, o gorro rubro de orelhas compridas na cabeça. No corredor, acendeu o cachimbo. Morgunov, alto e pesado, de sobretudo e gorro alto, ambos de pele, seguia-o, arqueado. No teto, as bolhas incandescentes das lâmpadas. Srúbov puxou as orelhas do gorro. Cobriu a

¹ Sigla de Comissão Extraordinária para Luta contra a Contrarrevolução e Sabotagem, primeiro órgão de segurança da URSS, antecessora do KGB. [Todas as notas são do tradutor.]

testa e metade dos olhos. Olhou para seus pés. Quadrinhos cinza de madeira, parquete. Tinham-lhes enfiado em uma linha e puxado. Deslizavam sob os pés de Srúbov, e ele, sem saber para quê, contava depressa:

- ... Três... sete... quinze... vinte e um...

No chão, cinzentas, nas paredes, brancas - as tabuletas das seções. Não olhava, mas via. Também estavam alinhadas.

... Operações secretas... contrarrevol... entrada proib... banditismo... crim...

Contou 67 cinzentas, perdeu a conta. Parou, virou-se para trás. Olhou irritado para o bigode ruivo de Morgunov. E, ao compreender, carregou o sobrolho, abanou os braços. Bateu os saltos, avançando. Repetia, mentalmente: "... Mental-mente... senti-mentos... senti..."

Irritou-se, mas não conseguia se libertar.

- ... Senti-mentos... mentos-senti...

No patamar da escada, um vigia. E, atrás, aquele espectador, testemunha desnecessária. Repugnava a Srúbov que olhassem para ele, que estivesse tão claro. E daí os degraus. E retomou:

- ... Dois... quatro... cinco...

O patamar estava vazio. De novo:

- ... Um... dois... oito...

Segundo andar. Outro vigia. Passou por ele de lado.

Mais degraus.

Mais.

Último vigia. Mais rápido. Porta. Pátio. Neve. Mais claro que no corredor.

Daí baionetas. Toda uma paliçada. E Morgunov, sem tato, agarra a manga esquerda, puxa conversa.

O padre Vassíli, sempre com a cruz erguida. Os condenados perto dele, de joelhos. Tentavam cantar em coro. Mas cada um cantava por si.

- Des-can-sa no Se-nho-or...

Eram apenas cinco mulheres. E as vozes masculinas não se ouviam. O medo cravara-lhes aros de ferro na caixa torácica e na garganta, com força, e as esmagava. Os homens apenas rangiam, com voz fina e entrecortada:

- Des-can-sa... des-can-sa...

O comandante também vestiu uma peliça curta. Mas amarela. Descera ao porão com uma folha branca - a lista.

O ferrolho da porta emitiu um estrondo pesado.

Os cantores não tinham língua. A boca deles estava cheia de areia ardente. Nem todos que estavam de joelhos conseguiram se levantar. Arrastaram-se para os cantos, para as tarimbadas, para debaixo das tarimbadas. Um rebanho de ovelhas. Apenas guinchavam como gatos. O sacerdote, arrimando-se na parede, gaguejava baixo:

- ... No Se-e-e-nho-o...

E o ar se deteriorava ruidosamente.

O comandante sacudiu o papel. Sua voz era úmida; a terra, opressiva. Chamou cinco sobrenomes - esmagando, enterrando. Eles não tinham forças para sair do lugar. O ar ficou como

o de uma fossa séptica revirada. O comandante tapou o nariz com nojo.

Um capitão cossaco, de bigode comprido, aproximou-se e perguntou:

- Para onde vamos?

Todos sabiam: para o fuzilamento. Mas não tinham ouvido a sentença. Queriam saber definitivamente, com exatidão. A incerteza era pior.

O comandante era severo, sério. Então, de maneira direta, sem enrubescer, sem se perturbar, cravou olho no olho e declarou:

- Para Omsk.

O capitão cossaco deu um risinho, sentando-se.

- Via subterrânea?

O coronel Nikítin também achou graça. Arqueou as costas largas de membro da guarda e, por entre a barba:

- Há, Há...

E não viu que, debaixo dele e do vizinho, o general Treúkhov, filetes lamacentos rastejavam pelas tarimbas. No chão, formavam charcos e vapor.

Os cinco foram levados. A porta obstruiu solidamente a saída. O alçapão rangeu no pátio. O barulho dos veículos ficou mais claro. E parecia a batida de torrões de terra congelada na porta de ferro do porão. Os detentos tiveram a impressão de estarem sendo enterrados vivos.

- Tu-tu-tu-tu-tu. Fr-tu-tu. Fr-tu-tu.

O capitão Bojenko ergueu-se junto à parede. Pôs as mãos nos quadris. Ergueu a cabeça. Sob

o teto, uma lampadinha fraca. O capitão piscou para ela.

- Irmão, não vão me encontrar.

E ficou de quatro, embaixo da tarimba.

Do canto, o tenente Snejnítski mostrava a todos a língua azul e morta. Skatchkov escondera-o do comandante. Mas não cortara a garganta. Girava o vidro nas mãos e não se decidia.

A pequena bolha de luz do teto rebentou inesperadamente. O pus de sua resina negra espirrou nos olhos de todos. Trevas. Na escuridão não havia mais medo - havia desespero. Impossível sentar e esperar. Mas as paredes, as paredes. O chão de tijolos. Arrastaram-se por ele, guinchando. Com as unhas, com os dentes, nas pedras úmidas.

Srúbov e os cinco que haviam sido levados tinham a impressão de que o pátio estreito e nevado era um salão metálico que fora aquecido até ficar incandescente. Girando devagar no fundo do poço de pedra de três andares, o salão pegava as pessoas e lançava-as no alçapão de outro porão, na extremidade oposta do pátio. Na garganta estreita da escada em caracol, dois ficaram sem fôlego, suas cabeças rodaram - caíram. Os três restantes foram derrubados. O grupo despencou no chão de terra.

O segundo porão, sem tarimbas, curvava-se na forma da letra L. No lado mais curto da letra de pedra, longe da saída, a escuridão. Na cauda longa - o dia. As lâmpadas ficavam mais fortes a cada cinco passos. Todos os montículos e buracos

do chão eram visíveis. Não havia onde se esconder. As paredes uniam-se solidamente, penhascos de tijolos soldando-se em ângulos agudos e nítidos. Acima, o bloco oco de pedra do teto pendia. Não havia por onde fugir. Além disso, a escolta estava atrás, à frente, dos lados. Espingardas, sabres, revólveres, estrelas vermelhas, vermelhas. Mais ferros e armas do que gente.

A “mureta” branquejava no limite entre a cauda iluminada e a curva sem luz. Cinco portas, cujas dobradiças tinham sido arrancadas, estavam encostadas no penhasco de tijolo. Perto delas havia cinco tchekistas². Nas mãos, revólveres grandes. O cão das armas – negros pontos de interrogação – estava engatilhado.

O comandante deteve os condenados e ordenou:

– Dispam-se!

A ordem foi como um golpe. Os cinco contraíram e dobraram os joelhos. E Srúbov sentiu como se a ordem do comandante fosse para ele. Desabotoou a peliça curta, inconscientemente. E, ao mesmo tempo, a razão assegurava que aquilo era um absurdo, que ele era presidente da Gubtcheká³ e deveria dirigir o fuzilamento. Dominou-se com esforço. Olhou para o comandante, para os outros tchekistas – ninguém prestava atenção nele.

Os condenados despiam-se com mãos trêmulas. Os dedos, congelados, não obedeciam, não se dobravam. Botões e colchetes não soltavam.

2 Membros da Tcheká.

3 Tcheká da província.

Embaralhavam-se os cordões, os cadarços. O comandante, mordendo uma *papirossa*⁴, apressava-os:

– Mais rápido, mais rápido.

A cabeça de um ficou presa na camisa, e ele não se apressou em soltá-la. Ninguém queria ser o primeiro a se despir. Olhavam um para o outro com o rabo do olho, demoravam-se. E o tenente cossaco Káchin não se despia em absoluto. Ficava sentado, crispado, abraçando os joelhos. Olhava de forma opaca para um ponto no bico de sua bota desbotada e rasgada. Iefim Solómin aproximou-se dele. Revólver na mão direita, atrás das costas. Com a esquerda, acariciou a cabeça. Káchin sobressaltou-se, abriu a boca espantado, com os olhos no tchekista.

– Por que ficou pensativo, queridinho? Ou se assustou?⁵

E a mão sempre no cabelo. Falava baixo, arrastado.

– Sem medo, sem medo, queridinho. Sua mortezinha ainda tá longe, longe. Por enquanto, ainda não tem nada de terrível. Me deixa ajudar você a tirar o casaquim.

Afetuosamente, firme e seguro, desabotoou, com a mão esquerda, a túnica militar do oficial.

– Não precisa ter medo, queridinho. Agora tiramos a manguinha.

Káchin esmoreceu. Abriu os braços, dócil, sem

4 Cigarro com piteira de cartão.

5 No original, todas as falas deste personagem trazem marcas de sotaque e expressões regionais.

vontade. Em seu rosto havia lágrimas. Mas não as notou. Solómin subjugara-o completamente.

– Agora as calças. Tudo bem, tudo bem, querido.

Os olhos de Solómin eram honestos, azuis. O rosto, aberto, com maçãs salientes. Tinha uma bucha suja no queixo e, no lábio superior, uma franja rala. Despia Káchin como um enfermeiro solícito faria com um paciente.

– As ceroulas...

Srúbov sentia toda a inexorabilidade da situação dos condenados com uma clareza de doer. Tinha a impressão de que a maior medida de violência não era o fuzilamento em si, mas aquele despir-se. Sem roupa íntima, no chão nu. Pelado entre vestidos. Humilhação máxima. O peso da espera da morte era reforçado pelo caráter corriqueiro das circunstâncias. Piso sujo, paredes empoeiradas, porão. E talvez cada um deles tivesse sonhado em ser presidente da Assembleia Constituinte? Talvez primeiro-ministro da monarquia restaurada na Rússia? Talvez o próprio imperador? Srúbov também sonhava em se tornar comissário do povo, não apenas da RSFSR, mas talvez até da MSFSR.⁶ E Srúbov teve a impressão de que agora seria fuzilado com eles. Um frio de agulhas finas percorreu-lhe a espinha. As mãos reviraram o boldrié, a barba áspera.

6 Comissário do povo era o nome que se dava aos ministros na Rússia soviética. RSFSR e MSFSR são siglas, respectivamente, de República Socialista Federativa Soviética da Rússia e República Socialista Federativa Soviética Mundial.

Um homem pelado e ossudo estava de pé, o pincenê reluzindo. Fora o primeiro a se despir. O comandante apontou para seu nariz:

– Tire.

O pelado inclinou-se um pouco para o comandante, sorrindo. Srúbov viu o rosto fino de intelectual, o olhar inteligente e a barbicha castanho-clara.

– Mas então como vou ficar? Pois então não verei nem a mureta.

Na pergunta, no sorriso, havia algo ingênuo, infantil. Srúbov pensou: “Ninguém nunca vai fuzilar ninguém”. E os tchekistas gargalharam. O comandante deixou cair a *papirossa*.

– O senhor é um sujeito excelente, o diabo que o carregue. Bem, não há problema, nós o conduziremos. Mesmo assim, tire esse pincenê.

Um outro, obeso, de pelo preto no peito, disse, com voz pesada, de baixo:

– Quero fazer uma última declaração.

O comandante voltou-se para Srúbov. Srúbov chegou mais perto. Tirou um bloco de notas. Pôs-se a anotar sem pensar no sentido da declaração, sem criticá-la. Estava contente com o adiamento do momento decisivo. E o gordo mentia, embrulhava-se, prolongava-se.

– Perto do bosque, entre o riacho e o pântano, nos arbustos...

Dizia que o destacamento dos Brancos em que servira enterrara muito ouro em algum lugar. Nenhum dos tchekistas acreditava nele. Todos sabiam que estava apenas tentando

ganhar tempo. No fim das contas, o condenado propunha que adiassem seu fuzilamento, levassem-no como guia, e ele mostraria onde o ouro estava escondido.

Srúbov enfiou o bloco de notas no bolso. O comandante, rindo, bateu no ombro do pelado:

- Deixe de enrolar, tio. Em posição.

Todos já estavam despídos. Esfregavam as mãos por causa do frio. Trocavam o peso do corpo de um pé para outro. As roupas de baixo e suas vestes eram um monte variegado. O comandante fez um gesto com a mão - convidou.

- Em posição.

O obeso de pelo preto começou a uivar, engasgando com as lágrimas. Um bandido comum, de rosto inerte e indiferente, aproximou-se da janela, vindo da porta. Abriu largamente, com firmeza, as pernas curvadas e peludas, com pés enormes e chatos. Um capitão de cavalaria de pernas finas, do destacamento punitivo, gritou:

- Viva o poder soviético!

Vanka Mudýnia, de nariz chato e rosto largo, barbeado, avançou para ele com o revólver apontado. Agitou o punho fibroso e tatuado de marinheiro diante do capitão de cavalaria. E, com um escarro sonolento entre dentes, com zombaria:

- Não grite, não teremos piedade.

Um comunista, condenado por peculato, baixou a cabeça redonda e raspada e disse, surdamente, para o chão:

- Perdão, camaradas.

E o alegre de barbicha castanho-clara, já sem pincenê, fazia todos rirem, mesmo ali.

Ficou em posição, fazendo uma cara estúpida.

- Veja como são as portas para o outro mundo, sem dobradiças. Agora vou saber.

E Srúbov voltou a pensar que eles não seriam fuzilados. E o comandante, sempre rindo, ordenou:

- Virem-se.

Os condenados não entenderam.

- Virem-se de cara para a mureta e de costas para nós.

Srúbov sabia que, assim que se virassem, cinco tchekistas levantariam os revólveres ao mesmo tempo e atirariam à queima-roupa na nuca de cada um.

Quando os pelados finalmente entenderam o que os vestidos queriam deles, Srúbov conseguiu encher e acender o cachimbo que se apagara. Logo se viraram e - fim. Os rostos da escolta, do comandante, dos tchekistas de revólver e de Srúbov estavam idênticos - tensos e pálidos. Apenas Solómin permanecia absolutamente tranquilo. Seu rosto não estava mais preocupado que o necessário para um trabalho ordinário, corriqueiro. Os olhos de Srúbov estavam no cachimbo, na chama. Mesmo assim, reparou que Morgunov, pálido, inspirando ar pela boca, virara-se. Porém, uma força atraía-o para o lado dos cinco pelados, e contorceu o rosto e os olhos na direção deles. A chama do cachimbo estreme-

ceu. Veio uma batida doída nos ouvidos. Pedacos brancos de carne crua tinham desabado no chão. Os tchekistas, de revólveres fumegantes, afastaram-se rapidamente, estalando na mesma hora o cão das armas. As pernas dos fuzilados convulsionavam-se. O obeso, com um guincho sonoro, suspirou pela última vez. Srúbov pensou: “Existe ou não a alma? Talvez o guincho seja a alma a sair?”.

Dois homens de capotes cinzentos habilmente passaram laços nos pés dos cadáveres, arrastando-os para a dobra escura do porão. Outros dois escavavam a terra com pás, jogando-a nos regatos fumegantes de sangue. Solómin, metendo o revólver no cinto, classificava a roupa de baixo dos fuzilados. Zelosamente colocava cueca com cueca, camisa com camisa, e as vestes de cima à parte.

Entre os cinco seguintes, estava o pope. Não se controlava. Mal arrastava o corpo gordo nas perninhas curtas, e retinia, com voz fina:

– Santo Deus, santo poderoso...

Seus olhos saíam das órbitas. Srúbov lembrou-se de como sua mãe preparava pães em formato de cotovia, usando uvas-passas como olhos. A cabeça do pope parecia a cabeça da cotovia, saindo dos ombros com os olhos-passas, cheia de calor. Padre Vassíli tombou de joelhos:

– Irmãos, queridos, não matem...

Mas para Srúbov ele já não era um homem – era massa, uma cotovia feita de massa. Assim não dava nenhuma pena. O coração endureceu com a raiva. Soltou entre dentes, com nitidez:

– Pare de se lamuriar, flauta de Deus. Moscou não acredita em lágrimas.

Sua firmeza rude foi um estímulo para os outros tchekistas. Mudýnia enrolou um cigarro:

– Dê-lhe um pontapé no traseiro e ele se cala.

Semión Khudonógov, alto e requebrante, e Aleksei Boje, baixo, quadrado e de pernas tortas, agarraram o pope, derrubaram-no, puseram-se a despi-lo, e ele novamente entoou, como um vidro a retinir em um caixilho fendido:

– Santo Deus, santo poderoso...

Iefim Solómin deteve-os:

– Não toquem no padre. Ele se despe sozinho.

O pope se calou, com olhos turvos em Solómin. Khudonógov e Boje afastaram-se.

– Irmãos, não me dispam. Os sacerdotes devem ser sepultados com os paramentos.

Solómin foi carinhoso.

– De sotaina, queridinho, é mais difícil. A sotaina puxa.

O pope se deitou no chão. Solómin sentou-se sobre ele, de cócoras, arregaçando até os joelhos as abas do longo capote cinza e desabotoando-lhe a roupeta negra de repes.

– Isso não é nada, queridinho, isso de ficar pelado. Você precisava era de uma boa sauna. Quando a pessoa está limpa e enxuta, fica mais fácil morrer. Já, já tiro esses trapos. Comigo você vai ficar que nem um passarinho, de asinha lisa.

O sacerdote usava roupa de baixo fina, de linho. Solómin desatou solicitamente as fitas dos tornozelos.

- Só assassinos matam quem está de sotaina. Nós não matamos, punimos. E a punição, que-ridinho, é uma coisa grandiosa.

Um oficial pediu para fumar. O comandante deixou. O oficial acendeu o cigarro e, erguendo as sobrelanceiras, apertou os olhos com calma, por causa da fumaça.

- Com nosso fuzilamento não vão consertar os transportes nem resolver a questão alimentar.

Srúbov ouviu e encolerizou-se ainda mais.

Mais dois se despiram, como em um vestiário de sauna, rindo, tagarelando sobre ninharias, aparentando não reparar, não ver nem querer ver nada. Srúbov fitou ambos com atenção e entendeu que aquilo era apenas uma mascarada - os olhos dos dois estavam mortos, arregalados de pavor. A quinta, uma mulher - camponesa -, após se despir fez o sinal da cruz com calma e postou-se sob o revólver.

Mas o que estava com a *papirossa* e irritara Srúbov não queria virar de costas.

- Peça que me atirem na testa.

Srúbov cortou-o:

- Não posso contrariar o sistema - só atiramos na nuca. Ordeno que se vire.

A vontade do oficial pelado era mais fraca. Virou-se. Viu, na madeira da porta, um monte de buraquinhos. E teve vontade de ser uma mosquinha pequena, bem pequena, de se esgueirar por um daqueles buracos e depois achar uma fresta e sair voando para a liberdade. (No exército de Koltchak, ele sonhara em terminar o serviço

como comandante de corpo - ou seja, general.) E, de repente, aquele buraco que elegera para si ficou enorme. O oficial saltou nele com facilidade e morreu. A pupila de seu olho direito aberto era tão larga e irregular como o novo buraco na porta, da bala que lhe atravessara a cabeça.

A barriga do padre Vassíli era massa que escorria da massadeira para o chão. (O padre Vassíli nunca pensou em virar bispo. Mas contava ser arqui-diácono.)

Também arrastaram esses com cordas, pelos pés, para a dobra escura. Todos eles - cada um à sua maneira - sonhavam em viver e em ser algo. Mas vale a pena falar disso quando sobraram apenas três deles, 4 *puds*⁷ de carne fresca?

Não trouxeram os outros cinco até que o sangue fosse coberto de terra e os cadáveres, removidos. Os tchekistas enrolavam cigarros.

- Iefim, você tem que ficar sempre coaxando para eles, como um sapo? - perguntou Boje, o quadrado. Solómin esfregou o dedo no nariz.

- Mas pra que mexer e se irritar com eles? São inimigos enquanto não são capturados. Aqui, são gado mudo. Em casa, quando os camponeses faziam um abate, era sempre com carinho. Você vai, acaricia, calma, Pardinha, calma. Só assim ela sossega. Também preciso fazer assim, pois facilita.

Cinco fuzilavam - Iefim Solómin, Vanka Mudýnia, Semión Khudonógov, Aleksei Boje,

⁷ Medida antiga, equivalente a 16,3 quilos.

Naum Nepomniáschikh. Nenhum deles reparou que nos últimos cinco havia uma mulher. Todos viam apenas cinco pedaços de carne crua ensanguentada.

Três atiravam como autômatos. E seus olhos eram vazios, com um brilho vítreo morto. Tudo que faziam no porão, faziam-no quase inconscientemente. Esperavam os condenados se despirem, levantavam-se, erguiam os revólveres de forma mecânica, atiravam, afastavam-se correndo para trás, substituíaam os fuzilados, carregados por outros. Esperavam que removessem os cadáveres e trouxessem novos. Somente quando os sentenciados gritavam, resistiam, o sangue dos três espumava com uma raiva abrasadora. Então xingavam, baixavam os punhos, as coronhas dos revólveres. E então, erguendo os revólveres até as nuças dos pelados, sentiam nas mãos, no peito, um arrepio frio. Era medo de falhar, de ferir. Era preciso matar de uma vez. E se o agonizante guinchava, arrotava, cuspiendo sangue, daí ficava abafado no porão, dava vontade de sair e beber até perder a consciência. Mas não havia forças. Alguém enorme e poderoso obrigava a erguer o braço apressadamente e dar cabo do ferido.

Assim atiravam Vanka Mudýnia, Semión Khudonógov, Naum Nepomniáschikh.

Apenas Iefim Solómin sentia-se livre e leve. Sabia com firmeza que fuzilar a Guarda Branca era tão indispensável quanto abater gado. E, assim como não podia se zangar com a vaca que

lhe oferecia docilmente o pescoço para a faca, tampouco sentia raiva dos condenados, que lhe viravam as nuças descobertas. Mas não havia nele pena dos fuzilados. Solómin sabia que eram inimigos da revolução. E servia a revolução de bom grado, de boa-fé, como a um bom patrão. Não atirava, trabalhava.

(No fim das contas, para Ela não era importante quem atirava, e como. Precisava apenas aniquilar seus inimigos.)

Após o quarto quinteto, Srúbov parou de distinguir os rostos e as figuras dos condenados, a escutar seus gritos, seus gemidos. A fumaça do tabaco, dos revólveres, o vapor do sangue e da respiração formavam uma névoa embrutecedora. Faiscavam corpos brancos, crispavam-se nas convulsões agônicas. Os vivos arrastavam-se de joelhos, rezavam. Srúbov ficava calado, olhava e fumava. Puxavam os fuzilados para o lado. Cobriam o sangue com terra. Os vivos que se despiam substituíaam os mortos despidos. Quinteto atrás de quinteto.

Na extremidade escura do porão, um tchekista agarrava os laços que desciam pelo alçapão, enfiava neles os pescoços dos fuzilados, gritava para cima:

- Puxe!

Os cadáveres, com braços e pernas balançando, erguiam-se para o teto, desapareciam. E levavam mais e mais vivos para o porão, que de medo defecavam em suas roupas íntimas, de medo suavam, de medo choravam. E batiam,

batiam os pés de aço dos caminhões. Suspiros surdos do subterrâneo para o pátio...

Puxavam. Puxavam.

O comandante se aproximou.

– É uma máquina, camarada Srúbov. Uma fábrica mecânica.

Srúbov meneou a cabeça e lembrou-se do salão do pátio, com feixes de luz. O salão girava, jogando gente de porão em porão. E em todo o prédio havia luzes, as máquinas batiam. Centenas de pessoas ocupadas, 24 horas. E daí rrr-ah-rrr-ah. Com um tinido retumbante, com um crepitar, brocas automáticas verrumavam os crânios. Esguichava serragem vermelha chamuscada. Voava a graxa lubrificante dos coágulos ensanguentados do cérebro. (Pois não se broca ou perfura apenas a terra quando se quer cavar um poço artesianos ou encontrar petróleo. Às vezes, para atravessar rochas inteiras e espessas, veios de minério e brocar ou perfurar a terra pura, é indispensável atravessar, com brocas de aço, as camadas de osso dos crânios, o lodaçal aquoso dos cérebros, desviar dos gêiseres de sangue para canos de esgoto e fossas.) O porão chamejava vapor de sangue, depois suor humano cáustico, fezes. E névoa, névoa, fumaça. As lâmpadas do teto, com esforço, arregalavam os olhos ardentes e cegos. As paredes supuravam uma perspiração fria. Em febre, o chão de terra se debatia. Sob os pés, uma galantina rubro-amarela, pegajosa, fétida. O ar pesava como chumbo. Difícil respirar. Uma fábrica.

– Rrr-ah-rrr-rrr-ah!

Arrastavam.

– A-ah-ih-ih. Acuso!

– Tenho uma declaração valiosa. Pare o fuzilamento.

Trac-ah-rr.

Arrastavam.

– Pois bem, dispa-se. Dispa-se. Em posição. Vire-se.

– A-a-a-a. Oh-oh-oh.

Rá-á-árráh.

Arrastavam.

– Viva o soberano imperador. Atire, cana-lha vermelho. Senhor, tende piedade. Abaixo os comunistas. Tende misericórdia. Também fuzilei vocês, focinhos vermelhos.

Rrr-rrr.

Arrastavam.

– Morro inocente. Uh-uh-uh.

– Deixe.

Rrr.

Arrastavam.

– Implo-o-ro.

Rrr-u-u-uu.

Arrastavam.

Vanka Mudýnia, Semión Khudonógov, Naum Nepomniáschikh, mortalmente pálidos, desabotoaram, cansados, as peliças curtas de mangas vermelhas de sangue. Aleksei Boje tinha o branco dos olhos inflamado pela excitação sanguinária, o rosto salpicado de sangue, os dentes amarelos no rito vermelho dos lábios, na fuligem preta dos

bigodes. Iefim Solómin, ativo, sério e impassível, coçava debaixo do nariz arrebitado, tirava dos bigodes e da barba coágulos de sangue, ajeitava a pala suja e meio solta da boina verde de estrela vermelha. (Mas será que aquilo interessava a Ela? Ela apenas precisava forçar uns a matar, mandar que outros morressem. Só. Os tchekistas, Srúbov e os condenados eram peões igualmente insignificantes, pequenos para-fusos naquela corrida cega do mecanismo da fábrica. Nessa fábrica, o carvão e o vapor eram sua força furiosa, aqui a patroa era Ela, cruel e maravilhosa.) E Srúbov, agasalhado pela pele negra de sua peliça curta, pela pele ruiva do gorro, pela fumaça cinza do cachimbo que não apagava, sentia Sua respiração. E a sensação de proximidade dessa nova energia tensa retesava os músculos, esticava as veias, fazia o sangue correr mais rápido. Por Ela, e por Seu interesse, Srúbov estava pronto para tudo. Por Ela, até assassinato era uma alegria. E, se fosse necessário, sem hesitar se poria a alojar balas na nuca dos condenados. Se apenas um tchekista tentasse se acovardar, abandonar – ele imediatamente o botaria no lugar. Srúbov estava cheio de determinação alegre.

Para Ela e por Ela.

Mas aconteciam contratemplos. Um belo jovem da guarda não queria se despír. Torcia os lábios finos e aristocráticos, ironizava:

– Estou acostumado a ser despido por um laçao. Sozinho, não faço.

Naum Nepomniáschikh tocou-o raivosamente no peito com a boca do revólver Nagant.

– Dispa-se, seu verme.

– Arranje um laçao.

Nepomniáschikh e Khudonógov pegaram o teimoso pelos pés e o derrubaram. Ao lado, o general Treúkhov estava quase sem sentidos. Estertorava, ofegava, rezava. Sua garganta chiava, como água a se esvaír em areia escaldante. Também tiveram que despi-lo. Solómin cuspiu e se virava ao retirar as calças com bandas vermelhas.

– Pff! Não dá pra respirar. Borrou a roupa de baixo.

O membro da guarda, despido, postou-se, colocou as mãos no peito e não deu um passo. Declarou com orgulho:

– Não vou me virar diante de uma escumalha qualquer. Atirem no peito de um oficial russo.

E escarrou nos olhos de Khudonógov. Khudonógov, em sua ira, enfiou o cano longo da máuser nos lábios do oficial e, quebrando a placa branca dos dentes cerrados, atirou. O oficial caiu de costas, indefeso, segurando a cabeça e balançando os braços. Nas convulsões do corpo, os músculos marmóreos de atleta faiscaram. Por um minuto, Srúbov ficou com pena do belo guarda. Certa vez, também tivera pena de um garanhão puro-sangue, que se debatia na rua, de pata quebrada. Khudonógov enxugou o cuspe do rosto com a manga. Srúbov disse-lhe, severo:

– Não se enerve.

E, imperioso e irritado:

- Os próximos cinco. Rápido. Basta de chorradeira.

Entre os cinco, havia duas mulheres e o alferes Skatchkov. Afinal, não tinha cortado a garganta. E, já nu, continuava a segurar o pequeno estilhaço de vidro.

Uma dama de busto saliente, traseiro caído e penteado alto tremia, sem querer ir até a “mureta”. Solómin tomou-a pelo braço.

- Não tema, queridinha. Não tema, bonitinha. Não vamos fazer nada. Veja, aqui tem outra mulher.

A mulher pelada cedeu ao homem vestido. Com tremor nas pernas bem cuidadas, finas no tornozelo, adentrou pelo muco quente do solo viscoso. Solómin conduziu-a com cuidado, com cara de preocupação.

A outra era loira e alta. Cobria-se até os joelhos com os cabelos soltos. Seus olhos eram azuis. As sobrancelhas eram espessas, escuras. Com voz completamente infantil, gaguejando um pouco:

- Se vocês sou-soubessem, camaradas... como eu quero viver, viver...

E despejou um azul profundo em todos. Os tchekistas não ergueram os revólveres. No olhar de cada uma havia carvão. E, do coração às pernas, uma languidez dolorida, doce. O comandante estava calado. Os cinco postaram-se imóveis, com os revólveres cobertos de fuligem. E todos olhavam entre si, sem parar. Fez-se silêncio. A perspiração gotejava do teto. Partia-se no chão, com uma batida suave.

O cheiro de sangue, de carne fresca, despertava o animal, o mundano em Srúbov. Agarrar, apertar aquela de olhos azuis. Cravar-lhe as unhas, os dentes. Afogar-se naquela embriaguez vermelha e salgada... Mas Aquela que Srúbov amava, com a qual se comprometera, estava lá mesmo. (Embora, naturalmente, qualquer contraposição ou comparação entre Ela e a de olhos azuis fosse impensável, absurda.) E, por isso - dois passos adiante, decidido. Browning preta fora do bolso. E direto, no meio do arco escuro das sobrancelhas, na testa branca, uma bala niquelada. A mulher tombou de corpo inteiro, espichou-se no chão. Na testa, nos cabelos ruivos, corais de sangue rodavam como serpentes. Srúbov não baixou os braços. Skatchkov - na têmpora. A mulher de busto saliente ao lado perdeu os sentidos. Solómin inclinou-se sobre ela e, com uma bala grossa, arrancou a tampa do crânio de penteado suntuoso.

Browning no bolso. Recuou. Na extremidade escura do porão, os cadáveres, um em cima do outro, elevavam-se ao teto. O sangue deles vinha em regatos à extremidade clara. Cansado, Srúbov viu todo um rio vermelho. Na névoa estonteante, tudo avermelhou. Tudo, menos os cadáveres. Eram brancos. No teto, lâmpadas vermelhas. Os tchekistas eram todos vermelhos. E, em suas mãos, não havia revólveres - havia machados. Não tombavam cadáveres - eram bétulas de troncos brancos. Os corpos elásticos das bétulas. A vida resistia neles, obstinada. Cortavam-nos -

eles se vergavam, estalavam, ficavam muito tempo sem cair e, quando caíam, crepitavam com um gemido. No solo, tremiam os galhos agonizantes. Os tchekistas lançavam os troncos brancos ao rio vermelho. No rio, amarravam-nos em jangadas. E cortavam, cortavam. Os golpes soltavam fagulhas acesas.

Com dentes ensanguentados de espuma, o rio vermelho roía a margem de tijolos. As jangadas de troncos brancos navegavam em fileira. Cada uma, de cinco troncos. Em cada, cinco tchekistas. Srúbov saltava de jangada em jangada, dava ordens, comandava.

E depois, quando a noite, atormentada pela insônia vermelha, com olhos inchados e vermelhos, estremeceu com o tremor da madrugada, as ondas sangrentas do rio inflamaram-se com uma luz ofuscante. O sangue vermelho incendiou-se em uma lava chamejante e reluzente. E não era o chão que tremia de febre – era a terra que oscilava. Em erupção, um vulcão retumbava.

Trr-ah-rr-uh-rrr.

As paredes do porão foram derrubadas, demolidas. Inundaram-se o pátio, as ruas, a cidade. A lava escaldante a fluir e fluir. Srúbov foi lançado a uma altura inalcançável pelas ondas de fogo. O espaço iluminado e resplandecente cegava os olhos. Mas no coração não havia medo nem hesitação. Firme, de cabeça erguida, Srúbov postava-se no estrondo do terremoto, fitando avidamente para longe. Na cabeça, só um pensamento – Ela.



A lua padecia de uma febre pálida. Com a febre e o frio, a lua tiritava com um tremor miúdo. E a fumaça trêmula, transparente e faiscante ao seu redor era sua respiração. Sobre a terra, ela se condensava em nuvens de algodão sujo, no chão fumegava como leite fresco.

No pátio, montes de neve frios e azuis curvavam-se em fileiras na névoa láctea. Na neve azul-clara, com farrapos grudados nos peitoris das janelas e pendendo dos telhados, as paredes brancas congeladas, de três andares e muitos olhos, azulejavam.

E, na febre pálida da pressa, duas pessoas vestidas de peliças curtas de diferentes tons de amarelo (aliás, à noite, pretos), em pé, em cima do caminhão, desciam para a goela negra do